

mesmo neste semestre?

chegado já a alguns setores, o controle monetário pode prejudicar essa perspectiva.

A economia melhora

O governo garante que sim. Mas, apesar da recuperação ter

POL

O fato de que o governo pretende, realmente, liberalizar as importações é, na opinião do chefe da assessoria econômica do Ministério da Fazenda, Edésio Fernandes Ferreira, um dos principais indicadores de que neste segundo semestre já se pode pensar em reativação da economia brasileira. Contudo, ao mesmo tempo em que o assessor do ministro Ernane Galvães fazia essas previsões, ontem em Brasília, os técnicos do ministério começavam a discutir o orçamento monetário deste mês, que deve sofrer novo aperto.

O chefe da assessoria econômica insistiu que o governo mantém a meta monetária de expansão limitada a 50% este ano, mas confirmou que até agora a meta não declinou de 90%. Apesar desse quadro, ele reitera que o controle monetário inevitavelmente deve ser mantido, na medida em que a inflação encontra-se ainda na faixa de 200% ao ano.

Quanto à discussão de reativação do mercado interno com a missão do FMI que chegará a Brasília no próximo dia 13, Edésio disse não ter nenhuma informação, mas admitiu que a missão deverá formular as metas econômicas que o Brasil terá de seguir no último trimestre deste ano e no primeiro trimestre de 1985.

Finalmente, Edésio Fernandes Ferreira comentou uma recente pesquisa entre empresários que apontou a impopularidade dos ministros da área econômica. Para ele, nem Jesus Cristo seria popular se fosse um dos principais gestores do ajuste da economia. "O patriotismo da equipe econômica está justamente em aceitar fazer o ajuste, para equilibrar a economia." Para Edésio, essa impopularidade é perfeitamente normal.

Autopeças

O setor de autopeças está em nítida recuperação econômica. O faturamento desse segmento industrial cresceu 15% neste primeiro semestre, em comparação com igual período do ano passado (em 83 o faturamento global das 550 indústrias atingiu Cr\$ 3 trilhões de cruzeiros, representando 3% do Produto Interno Bruto), motivando líderes empresariais a reverem suas estimativas iniciais, que indicavam um crescimento, este ano, de 3 a 5%, reajustando essa previsão para taxas de 5 a 7%. O nível de emprego também cresceu 10,3% nos primeiros

ros 6 meses, com a abertura de 21,8 mil novas vagas.

Esses dados foram divulgados ontem por Pedro Eberhardt, presidente do Sindicato Nacional da Indústria de Componentes para veículos Automotores — Sindipeças, para quem o bom desempenho do setor deve-se, basicamente, ao crescimento das exportações da indústria automobilística e à melhora no mercado de reposição de peças internamente. "Como a indústria automobilística vem vendendo menos veículos zero quilômetro no mercado interno, a procura de peças para reposição dos veículos usados vem crescendo significativamente, representando 30% do faturamento do setor."

Segundo Eberhardt, as exportações de autopeças também aumentaram em 32% neste primeiro semestre, comparando-se a igual período de 83. "Tudo indica que as nossas exportações crescerão, este ano, até 40%, com o setor obtendo US\$ 1 bilhão."

"Estagnação"

As indústrias de transformação do Rio Grande do Sul, entretanto, continuam com suas vendas reduzidas e empregando menos pessoal, segundo os indicadores da Federação das Indústrias do Estado divulgados em Porto Alegre, mostrando que ainda não se conseguiu "superar a estagnação imposta pela conjuntura recessiva que perdura desde 1981".

No bimestre maio-junho, as compras e vendas das indústrias, em relação à mesma época do ano passado, forem retraidas respectivamente em 4,92% e 7,78%. A retração das compras prejudicou principalmente o mercado gaúcho, que aumentou de 57,25% para 60,86% sua participação no volume total negociado. Já a redução nas vendas concentrou-se nos mercados brasileiros fora do Estado, embora as exportações, em termos reais, tenham crescido 14,39%, fazendo com que sua representatividade no faturamento tenha-se elevado de 12,88% em 1983 para 15,97% em maio e junho últimos.

No primeiro semestre deste ano, comparado com o de 1983, as compras chegaram a registrar pequeno incremento de 4,81%, mas as vendas foram reduzidas em 6,54%, apesar da boa performance do setor exportador, que, isoladamente, teve um desempenho real positivo.

Problema: como resolver esta "bagunça econômica".

Só a organização política da sociedade poderá "impedir que o governo continue executando arbitrárias formas de expropriação de recursos para continuar cobrindo sua dívida". A afirmação foi feita ontem no Rio pelo professor Adroaldo Moura da Silva, em palestra na Escola Superior de Administração e Negócios.

— Está-se institucionalizando uma completa bagunça econômica, disse ele, acrescentando que dificilmente haverá reversão do processo inflacionário: as pressões altistas provocadas pela indexação da economia agora serão agravadas pela brusca substituição dos juros subsidiados por juros reais em setores como a agricultura.

Para ele, não existe solução para a atual crise sem a desindexação da economia. É inevitável uma "grande expropriação de credor, onde o governo terá, obrigatoriamente, de assumir os erros da sua dívida e cobrar de diferentes formas daqueles que realmente detêm essa dívida".

E ele explicou: "Não adianta mais praticar atos de expropriação com apelidos de política fiscal, quando o governo arbitrariamente aumenta a alíquota do imposto de renda para cobrir seu déficit fiscal, ou então, retirar dos salários, sob o nome de política salarial, recursos para cobrir gastos públicos".

Daí, a necessidade de completa

reformulação do sistema financeiro como forma de permitir o retorno ao crescimento econômico, sem "as anomalias provocadas pela indexação e pela desorganização da estrutura e de financiamento do setor público, que hoje emperram qualquer tentativa de recuperação".

Também chamou a atenção para o risco que o Brasil corre de não poder continuar com um programa crescente de exportações, devido à contínua redução do custo da mão-de-obra em países da Europa e no Japão, grandes fornecedores dos Estados Unidos. Lembrou que, em São Paulo, o salário médio da indústria está, nestes últimos cinco meses, crescendo acima do índice nacional de preços ao consumidor. "Na relação custo da mão-de-obra e preço do dólar, o Brasil acabará perdendo competitividade de vendas para aqueles países, caso ocorra uma efetiva recuperação da economia norte-americana."

Para Adroaldo Moura e Silva, "não devemos nos animar com os resultados obtidos no primeiro semestre do ano, mesmo com os da balança comercial, porque o horizonte para os próximos 12 meses está concentrado de nuvens escusas e duvidosas".

Entre estas "nuvens", citou o aumento da demanda por empresários e a manutenção da atual política dos EUA, que provoca a elevação dos juros e a valorização do dólar.